





Foto: Joana Barros

p111

Irene *Fonseca*

TEXTO ANA SOUSA DIAS
DATA DA REPORTAGEM 12/2007

Recanto do departamento de Matemática, Universidade de Carnegie Mellon, 2007

Matemática
Portugal





Irene Fonseca

/ UNIVERSIDADE DE CARNEGIE MELLON, EUA

TEXTO ANA SOUSA DIAS

Era uma miúda sardenta e de olhos muito vivos, que desenhava lindamente. Todos em volta acharam normal quando optou pela Escola de Belas-Artes de Lisboa, para estudar Arquitectura. Mas a revolução de Abril de 1974 trocou-lhe as voltas e deixou para trás a veia artística. Para ser mais exacta, a agitação que se seguiu levou ao encerramento da Escola, durante um ano e meio. Irene Maria Quintanilha Coelho da Fonseca tinha 18 anos e muito tempo livre, todo o tempo livre. O pai, oficial da

Marinha, sempre tinha querido ter uma filha matemática e as mais velhas já tinham seguido outros rumos. E foi assim que «nasceu» Irene Fonseca, a cientista que desde 1998 dirige o Centro de Análise Não-Linear, do Departamento de Matemática da Universidade de Carnegie Mellon, em Pittsburgh, nos Estados Unidos. Ao chegar a esta universidade, foi aluna de doutoramento de David Kinderlehrer que a descreve com uma frase bem curta: «*She was the best*».

Tem uma segurança que é própria das pessoas que avançaram com muito trabalho, construindo opiniões fortes e procurando o nó do problema. Sempre impecavelmente arranjada e com vivíssimo sentido de humor, chegou à fase da vida em que os filhos saem de casa – é assim nos Estados Unidos, onde o ensino universitário não rima com a casa dos pais.

As funções de Irene obrigam-na a um intenso trabalho no Centro de Análise Não-Linear, perto da casa onde se instalou há largos anos em Pittsburgh, mas levam-na também a viajar constantemente, cruzando fusos horários a desafiar as 24 horas de cada dia. Trabalha com papel e lápis, e o terceiro instrumento necessário é... tempo. Habitou-se a tornar úteis as horas gastas em aviões e aeroportos. Faz investigação, dirige o Centro onde tem 30 investigadores e estudantes, e sempre em ritmo de corrida para conseguir financiamentos. Tanto David Kinderlehrer como Roy Nicolaides, o qual dirige o Departamento de Matemática de Carnegie Mellon, sublinham o papel de

Irene na construção e no crescimento do Centro e do próprio Departamento.

Começamos pelo princípio, pela fase em que a jovem artista passou para a Faculdade de Ciências de Lisboa para ocupar o tempo. Ela própria conta que nesses primeiros meses ficou a conhecer, sobretudo, o bar da Faculdade, com uma amiga que a acompanhou naquele «entretém» proposto pelo pai. Mas chegaram as primeiras frequências (exames semestrais), e pareceu-lhe que não seria boa ideia aparecer em casa com maus resultados.

Fecharam-se em casa a estudar e fizeram todos os exames. Irene estranhou não ver os resultados na pauta afixada e foi perguntar o que se passava. «Ah, você é que é a Irene Fonseca? Tem de fazer todas as orais.» Pareceu-lhe normal. O que não sabia era que a dúvida dos professores se devia aos extraordinários resultados das provas escritas, principalmente porque vinham de uma estudante que não conheciam nem de vista. Confirmou as notas nas orais e foi por aí fora até terminar o curso



Foto: arquivo pessoal de Irene Fonseca

Irene Fonseca com 6 anos de idade, 1962

com 19 ou 20 valores, já não se recorda bem, em Julho de 1980. O grande incêndio que destruiu os edifícios da antiga Escola Politécnica, na madrugada de 18 de Março de 1978, apanhou-a em pleno curso. Alunos e professores passaram para instalações precárias, e só em 1985, já Irene estava do outro lado do Atlântico, a Faculdade de Ciências se mudou para o Campo Grande.

Paris fora do caminho

Matemática era nessa época um curso maioritariamente feminino. Segundo Irene, em Portugal há uma grande tradição de as mulheres fazerem Matemática, enquanto nos países anglo-saxónicos isso não é usual. «Há uma explicação para isto, não é um milagre: as saídas profissionais eram muito poucas, o habitual era ficar professor de liceu.»

Nessa altura, os rapazes que se interessavam por Matemática seguiam Engenharia, como aconteceu com um primo de Irene, Luís Magalhães [presidente da UMIC, Agência para a Sociedade do Conhecimento, e ex-presidente da FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia] e com o cunhado Manuel Ricou [do Conselho de Adminis-

tração da Agência Nacional de Compras Públicas]. Um e outro foram os primeiros portugueses a doutorar-se em Matemática em universidades norte-americanas.

E foi por causa deles que Irene Fonseca não seguiu os passos habituais dos licenciados do mesmo curso, que se doutoravam em França.

«Quando chegou a altura de fazer o doutoramento, fui para os Estados Unidos um bocadinho por acaso. Só não fui para França porque o meu cunhado e o meu primo estavam nos Estados Unidos e disseram-me que fosse para lá. Eu ainda não tinha a minha vida delineada. O meu primo estava na Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island, e o meu cunhado na Universidade de Minnesota, em Minneapolis, com a minha irmã. Do ponto de vista científico, eu não tinha preferência por Minneapolis, escolhi ir para lá por razões familiares.»

Mas Paris acabou por se meter no caminho dela, e da pior maneira. Dez anos de vida universitária, em Lisboa e em Minneapolis, não a tinham preparado para o ambiente que veio a viver no coração da Europa. «Em 85 casei-me com Luc Tartar, um matemático